

REVÉRBEROS

Márcio Catunda

PREDESTINAÇÃO

Nasci para inebriar-me de aromas.
Minha indolência inquieta lança-me,
andarilho,
à procura de um bálsamo
que remedie esse desassossego
que é puro encantamento abstrato.
Essa mania de caminhar
fitando o horizonte
é uma sede de saber
que me resseca a garganta;
é um sortilégio, um enigma,
sinuosidade de ruas misteriosas.
Outra dimensão, além dos barcos,
no horizonte nebuloso.
Nostalgia de uma Grécia
que não está no espaço nem no tempo.
Poeta hereditário,
deambulo pelos jardins,
carregando o DNA da neurose ancestral.
Oscilo, da tediosa ataraxia
ao exercício disciplinar da vertigem.
A Poesia acicata as peregrinações
deste solitário,
nas tardes de energizar os neurônios,
a pretexto da languidez estival.
Essa estranha obsessão de plenitude
que me impulsiona
ao paroxismo do entusiasmo!

O PENSAMENTO E O SILÊNCIO

Penso, em prazeroso silêncio,
ou em luta com as turbinas do querer.
Os pensamentos dançam valsas
no salão da memória.
Pensamentos soltos.
Imagens livres.
Cérebro democrático.
Pensar é minha prerrogativa.
Se não penso, outros o farão por mim.
O pensamento traz o ontem pra perto do hoje!

Serenai, vozes que me habitam!
O silêncio ilumina o pensamento.
Só haverá paz quando houver silêncio.
Acaso pensam que os meus ouvidos
são depósitos de lixo?
O silêncio é mais precioso do que as palavras.
O silêncio chega aonde a palavra não vai.
Tudo já foi dito.
Apenas o silêncio é inaudito.
Silêncio irmão do mistério.
Silêncio paz presente.
Silêncio recordação.
O silêncio é.
Está anoitecendo,
e eu preciso ser digno do silêncio.

YOGA

Um lado restrito;
outro desenvolto.
Como equilibrar tudo?
Yoga é jogo e jugo.
A bênção de Gandhi
num sonho lúcido.
A consciência
do que remediado está.
A trégua e a entrega
em *allegro*.
Ego, sem apego:
um resfôlego, um lago,
um legado.
Algo que se logra
além do algoritmo.
Um Logos
no logaritmo do ritmo.
Nas cordas nervosas,
música na alma —
certos dons de alquimia.

MISSÃO

Buscar os verdadeiros nomes das coisas
na rarefeita claridade das manhãs.
Aquecer a alma nos frios dias de tédio.
Ir na direção do ígneo foco cintilante
que vaza
entre as nuvens cinzentas
e me chama

através dos verdes ramos.

NO DIA DO POETA

A indizível eclosão que traz à terra
o calor — água transparente
em folhas verdes.
Esses barulhos em mim,
as visões que me despertam
e a expectativa, dum dia ao outro.
O piloto da espaçonave
do meu pensamento,
parceiro invisível, me diz
da ausência do que está presente
e da presença do que está ausente.
Faz com que de mim
se desdobre o esplendor da paisagem:
os agudos mastros dos barcos,
como lírios iluminados
no jardim das águas.
O murmúrio lacustre,
que é a voz que vem do mar.
O remanso espiritual da tarde
no cimo das gradações montanhosas.
O radiante e glorioso rosto do Sol,
imagem propiciadora das minhas percepções.

(Genebra, 20 de outubro)

DOIS MOMENTOS

A luz é tão estonteante quanto a obscuridade.
O dia é de chuva e recolhimento.
A febre do dia é noturna.
Quem sabe aonde vou
com tanto apuro,
sob um céu glacial,
cor de elefante?

Não é só o tempo
que acontece em mim.
Sou também esse vento,
que ontem foi
gelado e melancólico,
e hoje é
pura,
luminosa,
íntima

fruição.

HORA ÍNTEGRA

Dominus est domus mea.

Uma via clara se abre,
depois da encruzilhada.
A vida vivida é saudade.
A vida por viver é respirar.
Respiro e abraço a manhã de júbilo.
Primavera é isto:
respirar inventando o próprio ritmo.
Respirar
é o momento mais alto da vida.

RELIGIÃO

Religare:
conexão do interior com o exterior.
Céu e Terra.
Homem e Deus.
Evolução espiritual:
religar os neurônios e recordar.
Imantado pelo elixir da iluminação,
viajo na memória.
Uma estrela me conduzirá ao castelo da redenção.
Da constância, disse Sêneca:
é o repetir que pacifica e liberta.
Remédio pra saúde da alma,
Tu és o Eu
que me faz pensar
que sou minha criação.
O conhecimento me libertará do labirinto.
Pássaro sobrenatural
celebrando a noite — a religião canta!

ÁRIA CAMPESTRE

A árvore da vida florescendo
nas nervuras desdobradas.
Veredas de murmúrios verdejantes.
Caminhar em devaneio
pela canora estrada.
Silêncio, interrompido apenas
pelo encantado sibilar dos pássaros.

Tarde arejada de junho:
drena a inquietude metafísica.
O nariz arguto sonda os perfumes.
O olhar investiga a folhagem distante,
com a surpresa inocente da criança.

(Genthod, junho de 2022)

PROFISSÃO DE FÉ

Hedonista e otimista,
entro na vida como quem deixa o tédio.
Espreguiçando-me nos bancos dos jardins,
espreitando as nuvens antropomórficas.
Vou pelas veredas,
coleccionando estribilhos.
Intrépido e tranquilo,
arauto das tardes ensolaradas,
oráculo das brisas vespertinas,
enalteço a profissão de fé no lirismo
e exorcizo os desassossegos mundanos.

LÉMAN

Antúrio metafísico,
plantado na água,
o jato se jacta.
Na quietude clara,
expandem-se os frisos
da fúlgida bandeira.
Na cabeleira volátil,
a poeira líquida:
água de espuma.
Lago coloidal
no chão do céu
diluído em hidrogênio.
Entre o céu e os barcos,
a velhice do Salève.

(Genebra, 9 de outubro de 2023)

RETIRO

O Parque tem flores anímicas.
Quero sonhar.
Sombras verdes.
Estou seguro de que entendo
muita coisa do que dizem os pássaros.

Eles falam da cálida hora efêmera.
Luz e sombra,
sob as frondosas copas.

(Madrid, 27 de maio de 2024.)

PRIMAVERA EM PARIS

O Sena é o coração de Paris.
Não há melhor passeio
do que nas proximidades
do seu fluxo fabuloso,
sob os arcos,
atravessados pelos barcos.
Ondulante, verde, poluída,
cortejada pelos palácios laterais;
água corrente, entre paredes,
no arejado Quai aux Fleurs.
Simetrias de torres e janelas
do Hôtel de Ville.
Pináculos da Tour Saint-Jacques.
Île Saint-Louis:
brisa e sombra
na tarde de maio.
Recantos que a primavera verdejou.

(Paris, 11 de maio de 2024.)

PERSPECTIVAS

Céu místico, de nuvens apocalípticas.
Clarividências no recôncavo da montanha.
Afortunada brisa.
Vespertinos pássaros.
Pequenas casas cravadas na pedra verde.

A lembrança de um alívio,
sentido à sombra arejada de uma paisagem;
os montes longínquos,
o borbulhar da água
e um barco repleto de viajantes.

(Genthod, 18 de outubro de 2024)

TRANSLÚCIDO INSTANTE

Celebro minha irmandade
com o vento.

Comigo falam
afetuosamente
as generosas plantas.
Festa dos passarinhos em êxtase,
que me fazem companhia:
porta-vozes do vento,
hóspedes das árvores.
Filhos da transfiguração
das nuvens,
eles discorrem sobre
os benefícios da luz.
Cantando, eles viajam
no céu invertebrado.
Acaso sabem os passarinhos
que são eles a própria
Natureza cantando?

(Genthod, 16 de junho de 2024)

HORA TRANSLÚCIDA

O crepúsculo recolhe as imagens que o mar expande,
desenha uma cidade azul
no horizonte,
dilui a geometria,
num arranjo aleatório,
turbando os frisos inquietos
da água.
A beleza é indizível.
A poesia não define
o seu fluido instantâneo,
nem a música traduz
o mistério que ela profetiza.
A estrela vespertina,
entretanto,
abre uma fresta na cortina noturna
e traz uma pérola do dia imperecível.

(Fortaleza, 3 de maio de 2025)

A MÁQUINA DO TEMPO

O tempo não passa,
mas deixa marcas.
Imprime as impressões.
Máquina de exponencial sensibilidade:
grava memórias e as dispersa.
O tempo é um cabriolet
num roteiro de sonhos.

O tempo é uma invenção da vida
ou é ele o inventor?
A vida é máquina que gera a si própria
e não conhece o automecanismo da criação.
O tempo engendra a propulsão íntima
em que existimos.
Motor de altíssima voltagem.
Artefato animado
de sensíveis cilindradas.

(Genebra, 22 de maio de 2025)

PARQUE PERLE DU LAC, EM GENEBRA

A serenidade, essência do silêncio,
é um diamantino líquido.
À beira dos montes de esmeralda vegetal,
a delicadeza dos passarinhos,
a leveza dos veleiros
e a luz das flores.
O lago oscila em seu diâmetro,
assistido pelas cristalizações glaciais.
No frenesi do remanso,
a fluidificação azul.
No vento da tarde,
reiterativas ondas vibrantes.

(Genebra, 9 de junho de 2025)

GENEBRA, 30 ANOS DEPOIS

Agora que a luz do dia
é mais intensa e mais difusa.
Os mesmos velhos edifícios
de janelas retangulares.
O mesmo céu que vi
com os olhos da juventude.
O entusiasmo ressuscitado
numa sensação de êxtase inaudito.
Da place Cornavin,
a caminho do Carouge,
o mesmo itinerário de alumbramento.
As luxuosas vitrines de relógios.
A carcaça depenada do Salève,
no fundo da rue des Alpes,
atribuindo à cidade
um ar decadente.
A expansão esplêndida do lago,
aos pés dos edifícios.

O jato d'água,
como uma bandeira de espuma.
A impressão de aventura
que produz o grande barco branco,
diante da ponte.
O trono do Mont-Blanc
no panorama sinuoso.
Tudo igual
àquele passado idílico,
em que a dor do mundo
não me afligia.
Névoa na tarde molhada.
Tudo igual a quando eu vivia
indiferente ao mistério.

(Genebra, julho de 2025)

REMANSO

Se o vento da tarde é brisa,
na hora clarividente,
o silêncio se eterniza
trazendo repouso à mente.

Nas relvas que são alfombras,
meus espantos e meus tédios
passam graves, sob as sombras,
onde buscam seus remédios.

Vão caindo as folhas secas;
outras, verdes, nascerão,
nos canteiros das charnecas,
nos bosques, em solidão.

E o tempo, abrindo a cortina,
expande uma enseada,
qual dádiva vespertina
da natureza encantada.

Demorem-se estes instantes
de calmas alvissareiras,
nos recantos deslumbrantes
de alegrias forasteiras.

(Genthod, 2 de agosto de 2025)

LÚCIDAS ITINERÂNCIAS

Caminhar é uma terapia

para o meu estado mental.
Curo com água e fé
a minha taquicardia.
O outono se anuncia na névoa
que dissolveu as nuvens
nos verdes bosques.
Ando perplexo.
A Poesia é a décima musa,
chamada Disciplina.
Silêncio de sombra e quietude
no passeio pelo vilarejo.
Meu poder aquisitivo
de riquezas metafóricas,
conquisto absorto,
em qualquer jardim ensolarado,
até que o alarme das obrigações
me imponha o seu relógio impertinente.

(Genthod, 28 de agosto de 2025)

OS PASSEIOS LUMINOSOS DA VAGABUNDAGEM LÍRICA

(1)

Manhã de chuva e sol.
As plantas exalam perfumes agrestes.
As nuvens se aproximam da Terra.
O sol infiltra no nevoeiro
o seu fogo branco.
Caminhar escrevendo é
o *modus vivendi*
com que eu reconcilio
o pensamento e o sentimento.
O hábito da poesia é um perigo peregrino,
é uma luta pela sobrevivência.
A vida é um desafio estranho,
que justifica a minha ânsia peripatética.
Atravessei o tumulto da cidade,
numa luta de muitos passos,
até chegar à flutuação lacustre,
azul oásis
nos frisos vibrantes
do tempo e do vento.
Repousam comigo
os mastros brancos dos veleiros.

(Genebra, 2 de setembro de 2025)

(2)

Imito aquele príncipe do Nepal,
de nome Sidarta,

que se recusou a ser estadista
para se tornar um andarilho.
Já os antigos aedos
foram uns doidos solitários,
uns peregrinos contemplativos.
Busco ambientes tranquilos,
próximos da natureza,
para saciar a sede de escrever.
Quando me canso,
deito-me à sombra do arvoredor.
A tarde de setembro
contribui para o meu prazeroso isolamento.

(Genthod, 3 de setembro de 2025).

(3)

Meio-dia implacável.
Ando com o êxtase aflitivo
da inspiração.
Contemplo os fluidos vaporosos
das nuvens,
o encantamento do verde vale
e as casas distantes
nos contrafortes da montanha.
Um passarinho estreita
o sibilino agudo.
Um avião, no alto, ressoa
ao longe, em tom grave.
É a orquestra do dia,
no recanto sereno
do meu recolhimento.
Um quietismo favorável à leitura
faz-me seguir
pela escondida senda
da descansada vida.
Tanta emoção
na beleza do dia dá temor.

(Genthod, 4 de setembro de 2025)

(4)

Porque os dias são fugazes,
e estou na redoma azul
sem saber até quando,
vou lendo um livro
pelas calçadas silenciosas.
Infinita é a árvore da ciência.
Diminuta e breve,
a capacidade do leitor.
Se escrevo este diário íntimo,
é para celebrar o Tempo

em que resido
nesta casa de empenhos,
que tem portas de mistério
tanto na entrada quanto na saída.
Preocupemo-nos com Deus,
as religiões, a pátria
e um mundo sem exércitos!
Tudo, num instante,
são folhas de um folhetim descosido,
que o vento dispersa
por ignotas ruas.
Com efeito, como posso investigar
o esotérico com nervos abalados?
Caminho pelas veredas da conformação.
Caminho com a emoção do dia.
Permito-me não pensar no enigma existencial.
Busco o lugar sereno,
no horto da meditação.
Sinto, no declínio da tarde,
as transmutações dos verões,
dos dias e das horas,
e compreendo
que o céu de esplendor
brilhará todos os dias,
até quando o Tempo determinar.

(Genebra, 7 de setembro de 2025)

(5)

Sol da tarde cinzenta,
voltaremos a esta praça tranquila,
onde tudo é propício
à meditação?
Plenipotenciário verdadeiro:
voltarão estas sombras a passar
nestes mesmos lugares?
Ou as sombras e os lugares
não serão os mesmos?
Voltarão essas tardes de outono,
em que aprendo
o *spleen* de Baudelaire?
Tudo voltará
e será a mesma essência?
Não serão as mesmas experiências,
porém, voltarei a vivenciá-las?
Recordo-me de que deambulei neste bairro
na estação passada,
e noto que o dia de hoje
semelha ao de outrora.
Tão outro; porém,
é o meu estado de espírito!

(Genebra, 9 de setembro de 2025)

(6)

Sento-me
diante da montanha coberta de névoa
e do lago encantado
que me cativa o olhar.
Sei que todos os tempos
estão contidos no agora,
mas estranho a sensação
da impermanência de tudo.
As mutações da voracidade do tempo.
Que quero da brisa vespertina,
senão que faça
permanecer em mim
este deslumbramento estético?
Dá vontade de repetir
sempre esta experiência contemplativa,
embebido dos refrigerios
deste momento fluido.

(Versoix, 13 de setembro de 2025)

(7)

O vagabundo lírico exacerba
na obsessão de escrever.
Se andasse pelas calçadas
sem escrever,
seria apenas um vagabundo
que sai para passear de tarde.
O vagabundo é lírico
quando exacerba
a sede de conhecimento.
Ser lírico, portanto,
é observar o vento
embalando as folhas
e estudar as simetrias
arquitetônicas dos edifícios.
É mais do que isso:
é andar inquieto, insatisfeito,
e depois contemplar
o arco-íris e as nuvens,
como presentes do Céu.

(Genebra, 15 de setembro de 2025)

A CAMINHO DO OÁSIS DA ÎLE ROUSSEAU

Quanto me diverte
a pândega mental

de deambular escrevendo.
A luta da paciência com a paranoia,
provocada pelo barulho dos carros,
faz-me estranho a mim.
A rua é o paraíso dos anjos artificiais.
Por ventura, o Sol da tarde
aquece o meu frêmito,
e respiro na ponte,
diante do êxtase das gaivotas
e dos cisnes.
O Rhône se bifurca na île Rousseau,
propiciando um remanso.
Vou me esgueirando,
como o rio debaixo das pontes.
O céu, que dança no salão flutuante,
brilha em mim
e no espelho dos meandros.
Eu vinha estonteado,
e a ilha do filósofo me deu guarida
na cálida tarde de agosto.

CELEBRAÇÕES

Hoje, que a tarde é suave
no hortelã das folhas,
entrego ao Sol
minha insegura confiança
e minha inquieta solidão.
Verdade eterna, Deus único
do Faraó Akenaton,
e norte absoluto meu,
a qualquer hora vejo a luz imponderável
guiar os meus passos,
no tumulto das ruas
ou na calma dos bosques.
Não sei o que é a vida,
mas sei que a vida é.
E isso me basta para celebrar o dia.
Celebro o oxigênio
que alegra as plantas
e o horizonte
que circunscreve a Terra,
chão imprescindível.
Celebro a memória e o sentimento,
oráculos benfazejos
que me oferecem
na taça do dia
o lenitivo de escrever.

O VERBO E A POESIA

O poema se nutre
da grama da gramática.
E o Poeta se faz ortopedista da ossatura lexical.
Não digas indignidades do Poeta.
Ele diz do Sublime que nos redime,
da luz fundadora de civilizações,
do manancial da sede de conhecimento,
que são a Arte de Amar e a Arte de Viver.
O número expressa o ritmo do universo,
composto de realidades visíveis e invisíveis.
A palavra registra na consciência o sentido da vida.
O sentimento dá a medida do imponderável.
Mnemosine e Tot são os arautos da deusa Poesia,
que transforma em Beleza a estranheza do mundo.
Existir é um código verbal
escrito no grafite mineral.

DECÁLOGO PARA UM JOVEM POETA

No liceu da humildade, forja-te artista
mais que cão amestrado.
Na epifania de Dédalo,
molda o teu próprio labirinto.
Oferece ex-votos ao manancial dos oráculos,
porque o culto da palavra
é um rito de vertiginosa magia.
É necessário peregrinar
por uma via de esperança e medo,
em nove jornadas, até a pedra
que as águias sobrevoam.
Rompe a tessitura dos cânones
como um resgate das origens.
Vai buscar Eurídice no Inferno.
Vai ao Peloponeso, em solidão,
cantando um epitalâmio.
Escuta a garganta de cristal da Sibila.
Um deus receptivo interpretará o teu sonho.
Não te faltarão ambrosia e néctar
nas Saturnálias do prazer.

O POEMA E A POESIA

A Poesia é a invenção da verdade.
A Poesia funda civilizações.
É a coisa mais séria
que a alegria pode nos proporcionar.

A Poesia é este agora,
este agora que já não importa
e volta a importar,
tanto quanto a expectativa
de aonde as ondas do tempo me levarão.
O poema pode ser uma chuva repentina,
quando o poeta sai pelas ruas
levando um fardo de livros,
um caderno e uma caneta.
O poema é um impulso que faz o poeta
atravessar os dias olhando o céu.
Que coisa faz a árvore
derrubar uma semente
na cabeça do poeta?
A luz das coisas,
o afã contemplativo,
o vento que permeia tudo.
A Poesia é uma limonada
que a gente bebe com sede.
É o ópio da ressurreição.
O verso é um degrau,
a estrofe é a escada rolante,
o mercado é a prosa;
e a Poesia é o café e,
depois, aquele gole d'água.

O RIO DA MINHA ALDEIA

Passa o rio da minha aldeia
como se não passasse.
Passamos, ele e eu,
sem que nos encontremos no passeio.
Existimos no mesmo *habitat*,
sob as pontes do destino misterioso.
Abraçados ao chão,
respiramos o ar vertente
que nos reúne no mesmo afã.
Vai devagar, divagando, o rio da minha aldeia.
Vai veloz, levando sua oferenda.
Quando ele volta, traz uma onda volátil.
Ele passa e não volta,
sem saber que passamos juntos,
que ficamos sempre,
sem saber que somos reflexos mutantes.
Passamos e ficamos na orfandade da hora.
Navegamos a um abismo enigmático:
entre o que está sendo e o que ainda não foi.

O QUINTO IMPÉRIO

*Restaurar a criança em nós
e em nós a coroarmos imperador,
eis o primeiro passo para a formação do Império.*
(Agostinho da Silva)

Quando todos nos tornarmos crianças,
plantaremos o Reino do Céu
nas premissas deste mundo.
A Terra viverá o tempo do Encoberto Cristo.
O Sol reunirá tudo no seu lastro,
no fulcro da memória guardiã.
O perdão será a lanterna
com que cruzaremos o pélago escabroso.
Na manhã definitiva,
as flores do deserto
brotarão da própria Vida.
O Quinto Império virá,
na fragata da harmonia.
O vento é propício.
Sonhar é antecipar a utopia.

CAMPO VERDE

Campo verde,
que me alegras a visão,
és um teatro de emoções adolescentes.
Basta que eu te contemple,
e o vendaval do tempo
traz de volta a minha utopia.
Não importa
o retrato esmaecido
daquela antiga tarde de verão.
Campo verde,
encharcado da chuva do céu branco,
na solidão da úmida perspectiva,
com as plantas meditando
no silêncio vespertino...
Na seara da esperança,
o aroma da vegetação
tem o hálito da inocente paixão.
As folhas dançam
de par com as brisas.
Jardim, bálsamo,
festa nas folhas esmeraldinas.
Amanhã,
quando eu não estiver aqui,
os pássaros cantarão

nas mesmas árvores
e eu terei a lembrança
de ter vivido a plenitude
deste momento luminoso.

GENTHOD

No silêncio desta estrada,
cingida de suave brisa,
tenho a alma sombreada
da luz que o céu cristaliza.

Caminho neste desvelo
de quietude redentora.
Retransmite o meu enlevo
a passarada canora.

Claridade benfazeja,
verde sombra de mormaço.
Prazeres que a vida enseja.

Nas auras deste regaço,
dos ramos a flor viceja
e o Sol se apura no espaço.

VERSOIX

Versoix é a cidade do lago azul
e dos veleiros serenos.
É uma enseada
cercada de cordilheiras.
As verdes margens lacustres
vibram luminosamente.
A água flui com doçura neopagã.
As geleiras, ao longe,
confundem-se com as nuvens.
O deleite visual
faz deste momento um êxtase.

TARDE PRIMAVERIL

Caminhar assim, meio trôpego,
com a felicidade efêmera
e a determinação
de chegar a tempo na aula.
Passam as pessoas
com os olhares melancólicos,

inquietos,
e os destinos traçados
na rua de prédios ensolarados.
Os passarinhos celebram
o refrigério de maio.
Luz e sombra
nas tonalidades verdes da folhagem.

ÁGUA LUSTRAL

Que maravilha
não precisar ser imperador do mundo,
nem magnata da indústria bélica,
nem príncipe das trevas
nem campeão boxeador.
Não ser competitivo nem proativo.
Não concorrer na São Silvestre
nem nos estádios.
Que maravilha reconhecer
que os verdadeiros amigos
são a nossa fortuna.
Andar no escuro
com a lanterna do bem.
Ter como prêmio
o objetivo pressa-zero.
Poder voltar à fonte
e beber água lustral.
Água que clareia e sacia
a mais ardente sede.
Água que renova,
revigora e reconforta.

VERÃO

Tórrido fervor.
A primeira brisa sopra.
Os pássaros cantam.

Ambígua cigarra,
louvas a luz
ou te queixas do calor?

Só, o sonhador,
imenso na ilusão,
diante do Sol.

Flores de verão.
Veludo na folhagem.

Vergel musical.

Pássaro vespertino,
quem te ensinou
a anunciar a noite?

12 HAICAIS PARA O MESTRE MATSUO BASHÔ

Jardins de limo.
Vento marinho.
Limbo florescido.

Brisas venturosas.
Luzes aventureiras.
Noite peregrina.

Anda, Narciso.
Deixa atrás a poça d'água
e o céu invertido.

Não sei aonde ir.
Todos os lugares são
distantes de mim.

Um doido fala só.
Aplaudem-no
os invisíveis.

Não sossegas o bico.
Tanta coceira tens,
irmão pombo?

Breve bailarina,
a borboleta
na festa das flores.

És espectro,
espaço infinito.
Onde a realidade?

Corvo matinal:
Não visitaste o Poe.
Cantas de alegria?

Girassóis
rostos amarelos
histriões do dia.

A lua pontua:
vírgula de cristal.

Oração da noite.

Malabarismo zen.
O Samurai
planta bananeira.

AINDA ESTAMOS AQUI

Estamos aqui
Até quando houver quando.
Se estou aqui, tu estás aí.
Estou aqui pensando lá
Aonde irei.
Além daqui, o Além.
Além do Além,
o não lugar.
Estamos aqui,
onde há vida ainda.
Perto e longe,
no centro,
no alto presente.
Viver, estar, habitar, existir.
Participar.

Aqui, decifrando a esfinge.
Lá, no princípio do enigma.
Aqui, fluidez.
Lá, coloidal.
Aqui, geometricamente.
Lá, além da metafísica,
na física da meta
que é e não é.
Aqui, na estética ética,
mística, dialética.
Lá, na sintaxe da imaginação,
dicção da arte.

Talvez, ao mesmo tempo,
ou não,
no sentimento vital.
Ainda estamos
no tempo indizível,
no espaço filosofal,
com toda a emoção ambiental,
com proposições e conjunções:
ser e não ser
na encruzilhada.
O chão, onde as coisas
nos chegam,

e a verificação intrínseca.
Movimento e entendimento.
A Poesia lá está.
Estala dentro
do aforismo.
Estamos ainda aqui
e, se não estivermos,
eu não tô nem aí, aí!

HERMETICAMENTE

Respirar.
A coluna é
um parafuso
que cresce.
Oxigênio.
Compaixão pelo corpo.
Espreguiçamento.
Terra e Céu.
Homem e Deus.
Levitação.

NATAL

O melhor do mundo são as crianças.
(Fernando Pessoa)

A bondade, a inocência e a pureza
das pequeninas criaturas mansas
que Deus criou com tamanha destreza:
"O melhor do mundo são as crianças".

Veio o Menino, Rei das Esperanças,
chegou agora, levando a tristeza;
encheu meu coração só de bonanças,
brilhou a própria luz da Natureza.

Verbo divino, Jesus, o Senhor
da grandeza de tudo quanto há,
aos 12 anos fez-se Imperador

da paz que a Humanidade viverá.
Cantem os anjos o grande esplendor
do Homem-Deus que aqui presente está.

LITERATURA, PRA QUÊ?

Não apenas porque sou teimoso é que aposto na literatura.
A literatura me salva do desespero e da depressão.
É o fio condutor,
o cordão de Ariadne da minha existência.
Proporciona-me a própria vida,
porque a vida se alimenta de paixões,
e a literatura, para mim, é a mais sublime das paixões.
A literatura serve para educar o homem.
Serve para humanizá-lo e espiritualizá-lo,
na luta da degeneração com a evolução.
A literatura, como todas as artes e ciências,
é um dom do Ser Supremo
para exorcizar os estigmas satânicos da estirpe humana.

A FONTE DE HIPOCRENE

Reject me not into the world again.
(Edna St. Vincent Millay)

Contemplo o horizonte
e sinto o vento
que brinca na alameda.
Barcarolas.
Música no céu.
Transformações visuais.
Deve ser isto a Fonte de Hipocrene:
água fresca,
da garganta ao estômago;
ondas luminosas
até a outra margem;
o espetáculo da Natureza.
Pássaros,
árvores,
barcos,
gente
e sombras.
Minha imaginação é uma ponte
transitada por muitos veículos.
Minha alma é um rio
no cinema do meu pensamento.
Hoje, não quero escrever.
Quero flutuar.

PURA EMOÇÃO

O que Almada Negreiros está a nos dizer
nos muros das duas Gares Marítimas
é que Lisboa

é uma concha nascida do corpo aquático de Vênus.
Lisboa é uma invenção de Ulisses,
o marujo pioneiro das peregrinações místicas.
É um sonho cromático, vislumbrado no teclado alquímico.
É um milagre das remotas eras
dos périplos da emoção do artista visionário.
Almada Negreiros celebra nos seus painéis
a aventura da eterna viagem humana.
Depois de ver essas maravilhas, revi os veleiros do cais,
brancos como a alvorada do Sétimo Céu —
cenário de luz, água e encantamento,
onde tanto Almada quanto Pessoa se inspiraram
para a criação de suas obras imortais.

EN SORIA COM ANTONIO MACHADO

A las orillas del Duero
de álamos yertos,
cogí las risueñas frutas
de tu estancia.
Ebrio del aroma de los ramajes,
me invitaste a tu fiesta
y en la ermita junto al río,
comprendí tus penas
y tu sueño de alba de primavera.
El Sol se deja ver
como piedra de hielo.
La campana de la Audiencia
anuncia la paz de las alamedas.
Espumas sonoras embellecen
el aire de la mañana.
Soria austera inspira
tristeza de amor.
Orillas del Duero,
donde se ensueña el viajero.
Deambulo hacia las simetrías
de San Saturio.
Mi corazón se ha dormido.
Oigo tu voz entre los jazmines,
voz de temblorosa campana
sonando amarguras.
Soria de frescos naranjales
y arroyos encantados.
Serena claridad
que enseña consuelo
y nos redime de la noche del pesar.

CASA DE FERNANDO PESSOA

Casa de Dom Fernando,
ponto de reunião
de sua humanidade:
seus espelhos multiplicados,
sua bibliofilia,
os retratos da sua trajetória
de indefinível êxtase.
A chispa do gênio,
proliferando a palavra incandescente
no jardim dos sonhos objetivados.

JARDIM DA ESTRELA

Coisa engraçada é não existir,
no Jardim Guerra Junqueiro,
a estátua do seu patrono.
Nesse recanto,
que também se chama
Jardim da Estrela,
estão esculpidos,
entre grandiosos ficus seculares,
João de Deus e Antero de Quental.
Guerra Junqueiro não aparece
no arejado bosque,
onde os pássaros celebram
sua bem-aventurança.
João de Deus é um cidadão elegante,
segurando a caneta
e a sua Cartilha Maternal.
Antero parece um filósofo grego;
um filósofo-atleta,
vigoroso, trajando um manto aberto ao peito.
O Junqueiro,
que deu guerra ao clero,
teria se ausentado
do Jardim da Estrela
para não escutar o relógio sonoro
da portentosa Basílica vigilante.

O PARQUE DOS POETAS EM OEIRAS

A flor do Lácio aqui desabrocha
da sepultura
no jardim das estátuas.
O horto dos poetas plasma,
no fulgor do dia,
o sonho das caravelas longínquas.
Honrado seja o mérito de cada espírito iluminado,

que aqui recebe o seu reduto
e o seu anfiteatro.
Pertencço à ternura flutuante
dessa ladeira encantada,
remanso de insofismável sensação.
Que feliz augúrio nos revela o mar,
envolto em névoa,
contemplado do alto
da colina da Poesia?

VIAJAR, VIAJAR...

O viajante garimpa nos flocos de nuvens peixe amestrado no aquário de Argos-Voador. Busca refúgio no castelo de ouro de algum lugar. Talvez fuja de si, evocando o albatroz de Baudelaire; inebriado de lucidez, porém ausente de algum tempo ou algum silêncio.

A fabulosa propulsão atribui soberania celestial a esse *cabriolet* de asas, que atravessa densos flocos de fumaça branca num campo de algodão. O impalpável assoalho do céu, outro mar: espuma de vento, na imensa metamorfose cinética. Tonalidades do oceano-púrpura. O vento é o vetor das transformações, mensageiro da noite, que se dissipa na imaterialidade alquímica do movimento.

As janelas são televisores de tenebras. A obscuridade não mente, asseverou Georges Bataille. A noite prevalece. Certos movimentos fazem recordar a estrada de Uruburetama (há muito tempo). Medo, escuridão interna. A opacidade do mistério impera. Cruzeiro de dez mil metros na profundidade da altura.

Eis que surge a Lua dourada, imprimindo na janela rastros brilhantes, que se espriam no chão distante. A Lua guia os aeronautas à dimensão insólita do seu campo magnético. Lá embaixo, rios de luz dourada jorram na cidade: cascatas imóveis; grutas dispersas no espaço coloidal; ilhas miríficas; cintilações cristalizadas. Navios que aportam nos promontórios nebulosos.

Fiat lux.

A cidade flutua, boiando as ilhas salpicadas de claridade. Mapas de vidro e areia, os cristais se diluem nos amorfos parâmetros. Vamos, chamados pelos átomos imantados da Terra. O peso do vento na proa, decifrados já os intermitentes signos telúricos. A cidade tenta um paralelismo novo com a dispersão luminosa. O mundo lá embaixo ocupa os espaços da janela. A máquina inclina o bico de metal. Ouro nas lâmpadas.

NOVIDADES

A vida depois dos 68
é uma ameaça permanente.

Mais que uma ameaça,
é uma paranoia que cresce
com a contagem regressiva.

A gente foge

do relógio, e o relógio nos persegue.

A vida, então,
confirma-se como uma ilusão,
que transformamos em realidade,
sem saber que as duas coisas
não acontecem separadamente.

A realidade ilusória torna-se ilusão real.

E somos os autores dessa farsa,
cujo enredo estranhamos
ao protagonizarmos o drama.

Tragédia e comédia sempre.

As maiorias, adeptas das Parcas
e das carpideiras,
preferem o perfil de Tântatos
às máscaras dionisiacas.

Eu mesmo, às vezes,
não sei se gosto mais de Tália,
que aborda o cenário, coroada de flores,
ou de Melpômene,
que dá a Fedra uma navalha.

SEMELHANÇA

Ao amigo Dr. Assis Lima, ilustre Poeta do meu Ceará

Assis. Não o santo da pobreza caritativa,
que predicou nos mosteiros da Umbria.
Assis Lima, o arauto dos umbrais da Poesia.
O alquimista do verbo,
que, em aras de Eros e Psiquê,
discente nas faculdades mentais,
dissente apenas do que não seja sentir.
Assis, o que saiu do Cariri ao mundo
para plantar um horto sedativo nos quintais da psicosfera.
Assis, o que inocula nos cérebros as bases
para o circuito neurovegetativo
do ácido da memória.
Assis, de Assis; Assis, do Ceará.
Um, santo; o outro, nem tanto.
Ambos dotados de grandeza de espírito.
(A amizade do Dr. Assis Lima
é um remédio pra minha insensatez.)
Assis, da Itália; Assis, do Cariri.
Qualquer semelhança
é pura especulação hermenêutica.

UM PÁSSARO CHAMADO ZICO

Willis Santiago Guerra Filho,
conhecido pelos íntimos por Zico,
é um pássaro que voou dos quintais da Aldeota
para as gaiolas da Alemanha.
Foi ser germanófilo; como um cruzado
vai tomar a Jerusalém celeste.
Lá, encontrou-se com o Dr. Fausto,
que lhe deu taça de ouro
para nela beber, infinitamente,
um néctar que apenas lhe acendra a insondável sede.
Mas o certo é que esse elixir
se transformou num mar,
em cujas ondas ele viaja, voando,
das palmeiras de Atenas
aos outeiros de Roma —
ave livre, relâmpago lunar,
sobre o abismo de trevas do mundo.

PERFIL FICTÍCIO DE RICARDO GUILHERME

Ricardo Guilherme é um ator
que o personagem Ricardo Guilherme interpreta
no palco do sonho
em parceria com a vida.
Ele viaja no Expresso da Meia-Noite
à Estação do Meio-Dia
e entra em cena
rindo de si mesmo.
Não lhe faltam dramas no enredo
em que ele inventa, cotidianamente, cada instante,
cada inflexão, exortação,
projeção sentimental.
O público da sua comédia grita:
“Luz, câmera, ação!”
E ele se transforma na luz
que se autoilumina,
diante da plateia das palavras.
Numa interação de graças,
representadas na câmara
do teatro nosso de cada dia.
Quem assiste à sua ficção
já não se fixa no autor nem no papel.
Quem assiste à sua fábula
renova-se, revive-se
e se envolve na trama
do encantamento
que ele protagoniza.

ANDERSON BRAGA HORTA E SEU APRENDIZ

Anderson Braga Horta é um homem-pássaro
que voa dentro de um aquário.
Com ele aprendi a sondar a direção do périplo
que conduz "ao dentro de si e para o Aberto".
Anderson mostra que, no íntimo labirinto,
reside o vórtice da origem,
e é preciso contemplar as amplidões.
A iniciação começa pelo espaço do mistério
e se faz com ar, água e espírito.
Estamos convictos de que é no Altiplano
que brotarão as sementes da utopia,
porque a poesia é ascensão anímica
nas solidões do espanto.
Na Índia, seria Avatar da Nova Era;
no Egito, escriba de Lúxor;
na Grécia, vaticinaria em Delfos —
mas ele nasceu em Carangola,
e é o monarca dos aedos do País dos Candangos.
Anderson, o de gestos noturnos,
o que adivinha o silêncio
e escreve a ária de orvalhos de prata.
Anderson, o que veio ensinar
o caminho seguro e a vida certa.
Suas antenas vêm
do cérebro de Orfeu,
e seu território está repleto
das rosas arcanas da madrugada.
Com ele, aprendi as metáforas
do Eterno
e a música da comunhão dos céus!

A DIPLOMACIA DE COSTA SENNA

Se ser diplomata é ser solícito
e solidário,
Costa Senna é o maior diplomata que conheço.
Por suas mãos, a bondade
se multiplica como o mel nas colmeias.
Por seus pés,
a presteza vai à casa dos amigos e os ajuda.
Sendo o mais zeloso
na hora de distribuir favores,
Costa Senna pertence à seita dos Cavaleiros da Fraternidade.
O violão é a arma com que ele pacifica o mundo.
Seu galardão foi conquistado na Praça do Ferreira.
Sua trajetória é a linha do Equador.
E o Cruzeiro do Sul tem os astros que o guiam em São Paulo,

onde ele é reconhecido
como um vitorioso menestrel.
Vinicius de Moraes foi o maior dos diplomatas menestréis.
Costa Senna é o mais diplomático dos menestréis.

DISCURSO APOLOGÉTICO PARA A ADMISSÃO DE DIOGO FONTENELLE NA ACADEMIA DOS HOMENS BONS

Cabeça de homem, mas o coração de menino.
(Roberto Carlos)

A verdadeira fineza é a humildade.
Diogo Fontenelle é o cavalheiro da delicadeza,
o príncipe da nostalgia,
o poeta cuja sensibilidade
é a pétala de uma flor sem espinho,
que expande o perfume azul
dos sonhos lindos.
Diogo, Dioguinho,
é um líder sublime
no seu reduto à beira-mar.
Não há um Lord tão gentilhomme,
tão fascinante, tão carismático,
quanto Diogo Fontenelle.
Quem não o conhece perde muito.
Quem o conhece e não o reconhece
perde mais ainda.
Quem o vê com os olhos da bondade
viaja a um Éden desconhecido,
onde tudo é claridade suave,
paz indizível,
generosidade encantadora.
São João Batista pregou no deserto.
São Francisco pregou aos passarinhos.
Santo Antônio veio pregar aos peixes.
Diogo Fontenelle
veio pregar aos poetas.
Recebei-o, Homens de Boa Vontade!

O PRÍNCIPE ABDON MELO

Um nobre não se distingue
pela vestimenta luxuosa,
mas pela sabedoria.
Abdon Melo, por exemplo:
nobreza como virtude aristotélica;
grandeza humilde,
simplicidade,

dom de ser amigo.
Verdadeiro Príncipe foi Gautama,
não aquele espectro
esboçado por Maquiavel.
Se Abdon Melo
(meu primo, pelo sobrenome)
fosse rei do Brasil,
reinaria com equanimidade.
Não digo que seria um Salomão,
mas seria honesto e liberal.
Sua coroa é um chapéu *démodé*.
Seu cetro é o semblante luminoso,
com que ele recebeu os amigos
na (outrora lírica) Praça do Ferreira.
Sem ser acadêmico,
nem intelectual profissional,
Abdon é o parceiro do Maclare,
o inesquecível.
É o poeta que frequenta
as tertúlias do Vicente Alencar
e se comporta com discrição
(que quer dizer nobreza)
perante os seus pares.
Seu currículo é simples:
funcionário aposentado do IBGE.
Não roubou fogo do Olimpo,
não matou um touro monstruoso,
nem combateu em Troia.
É um cidadão comum,
residente no Eusébio.
Sua riqueza não é ouro de Midas,
é ouro dos alquimistas.

O PROTESTO JUSTO E GENEROSO DE ROSANI ABDON ADAL

Rosani não aceita a condição
dos párias que vê
nas ruas e praças da megalópole:
crianças famintas,
sem abrigo,
sem escola,
sem luz.
Tampouco admite Rosani
a injustiça contra as famílias
perseguidas pelos misseis,
na terra dos seus ancestrais.
Nem precisava
ser filha e neta de sírios
para se indignar com o horror

da carnificina,
em que mulheres viúvas,
crianças órfãs
e homens sem pernas nem braços
correm desesperados
debaixo dos bombardeios.
Rosani sai pelas ruas,
do Belenzinho a Santa Cecília
e de Sumaré à Vila Maria,
distribuindo panfletos
contra essa loucura
de gente matando gente.
Do Mar Morto ao Mar Vermelho,
há opressão, medo, fome e sede,
onde outrora existiu
um horto de cedros.
Nem precisava ser poeta
para repugnar
os escândalos e abominações,
na Palestina, no Líbano,
na Síria e no Iraque.
Ela própria se sente
uma refugiada num mundo agônico,
onde não existe solidariedade
nem racionalidade.
Vejo e me solidarizo
com a luta de Rosani,
contra e a favor da humanidade.
Contra o crime de Caim,
que não pode seguir matando Abel
por toda a eternidade;
a favor do humanismo,
cuja arma é a poesia
e cuja voz é um alaúde em desespero!

PERORAÇÃO ELETIVA PARA JORGE VENTURA, LÍDER DOS POETAS ITINERANTES

Jorge Ventura,
o astro da poesia carioca,
dialoga com Tântalos,
ao atravessar as noites
de uivos insanos,
para atender os amigos
que o esperamos
nos saraus da Zona Sul.
Para chegar a muitos lugares,
ele tem braços múltiplos
como Shiva.

Na sua trajetória,
águia de luminosos tentáculos,
ele recolhe lebres lúbricas
pelos descaminhos insuspeitos.
O ofício da arte é o seu manancial,
a sua mania e a sua maneira
de sentir a condição humana
e disseminar o fluido
da benquerença
entre os seres do mundo.
Hei de fundar com ele
a República dos Poetas,
da qual não exilaremos Platão,
porque na nossa fraternidade
não haverá dissidências irreconciliáveis.
Versátil Jorge, dublador de si, driblador de si,
multiplicador de afetos,
cidadão do verbo imaginário —
líder visionário que acredita
na vitória dos homens gentis.

SOARES FEITOSA JÁ NÃO CRIA BODES

Por longo tempo, Soares Feitosa
foi patrão dos bichos de almas livres,
propiciando-lhes pasto verde,
sob o céu azul e silencioso
da sua fazenda.
Viveu à maneira do Whitman,
que se dizia mais amigo dos animais
do que dos homens.
Os cavalos elegantes,
os bodes arredios,
os carneiros servis
e os porcos fanfarrões
fizeram-lhe a melhor companhia,
nos ambientes distantes
do mundanal ruído.
Além dos sertões agrários,
só o engendro mágico da palavra
desde sempre o seduziu.
Recebo agora a sua mensagem,
para dizer que cessou a faina
com os bodes e outros bichos;
se duvidar, até cururu.
Seu latifúndio é agora
a Feira de Caruaru,
na voz do Gonzagão,
onde tem tudo — bode, pato e peru —,

toda a nossa riqueza inventariada,
inclusive a soja,
que chegou depois.
Mas o que lhe importa, presentemente
é ver o livro do Gerardo Mello Mourão,
em grande estilo,
a ser editado pelo Gonçalo,
o embaixador humanista.
Salve, Soares Feitosa!
O cavalheiro da fraternidade humana,
dono das glebas
do meu coração plebeu!

PRESENTE DE ANIVERSÁRIO AO AMIGO ALUÍSIO GURGEL

Aluísio, dos voos nos ventos alísios,
voo contigo na peripécia da harmonia.
Aluísio, enciclopedista pós-moderno,
contigo aprendo a aprender.
Aluísio, desenhista dos traços impecáveis,
bem retratas o horizonte
quando a névoa cobre o céu!
Aluísio, maestro das cantigas de amigo,
de quem recebeste o dom do encantamento?
Aluísio, aquariano na fluidez imagética.
És fluido pensamento — inesperado,
qual bem-te-vi na madrugada.
Aluísio, Corifeu do Oráculo de Bevilacqua,
jurisconsulto de Constantinopla.
Aluísio, da jurisprudência iluminista,
mais imaginação que doutrina.
Aluísio, príncipe da monarquia fraterna,
tens o carisma de integrar as partes controversas.
Aluísio, irmão dos cavalheiros cordiais,
aqui vai o meu abraço pelo 10 de fevereiro.

OFERENDA INTERTEXTUAL PARA OS PÁSSAROS QUE DORMEM NO TELHADO DE CELSO DE ALENCAR

Celso de Alencar é um poeta
que canta para os passarinhos
e os mendigos.
Aos peixes, atira miolo de pão;
aos carneirinhos, chama de irmãos
e os convida
para a classe de alfabetização.
Transforma as lacraias da garganta

em albatrozes, para sobrevoar
o Rio das Onças,
e levita, profeta da terra
dos inumeráveis rios,
pregando palavras redentoras
às velhas e belas putas do Jardim da Luz.
Foi cortador de cana
na região do Rio das Pacas,
e hoje é pastor de cabras, vacas e ovelhas,
no caminho da casa velha,
cujos moradores são morcegos.
Quando menino, rezou na capela
de Santa Rita de Cássia,
onde o padre Ézio fazia procissões.
Hoje, é ele o amigo das mulheres
que pariram dez filhos
debaixo da marquise de um edifício
da Avenida São João.
E é o defensor das freiras loucas,
que um dia descansarão,
como nós, entre o chão e as nuvens.
Confesso que o admiro,
porque ele busca no vento
o nome dos pássaros
e, com olhos lúcidos de animal sereno,
exclama:
“Não morrereis sem ser santificados!”
Celso de Alencar é um sonhador,
nas tardes em que o chão afunda
com as facas da cozinha.
É um peregrino,
que se faz acompanhar
de homens sem braços,
nem dentes, nem pernas.
Homens
que, como Satã, fogem da morte,
que se consagra
em punhais nos jornais.

À MANEIRA DE ANTONIO BRASILEIRO (DOIS MOMENTOS)

Um catálogo de assuntos pendentes para o eu resolver.
O eu telefona pro Antonio Brasileiro, pedindo ajuda,
porque está sem GPS e sem ChatGPT.
Os faróis estão baixos,
porque a bateria está precisando de recarga.
A estrada tem sinalização precária.
O eu não se desespera.

O poeta está chegando
com um astrolábio de palavras acesas,
como um tropel de pirilampos,
que se agiganta feito uma galáxia de meteoros.
O dia nasceu. O eu acorda.
Foi um pesadelo.
O poeta saiu pra tomar um café na esquina.
Volta já, pra decifrar os enigmas.

À proporção que a gente vai crescendo,
o mundo vem ficando pequeno;
à proporção que a gente vem crescendo,
o mundo vai ficando pequeno.

A TERRÍVEL AUSÊNCIA DE MARCUS VINICIUS QUIROGA

Não sei que dia é hoje.
Não sei nem quero saber.
Só sei que estou indignado
com a vida e com a morte.
A angústia me diz que a vida
é uma megera escandalosa.
O desespero me confirma
que a morte é uma ignomínia.
Desaparece o meu melhor amigo,
meu querido irmão
Marcus Vinicius Quiroga,
e eu já não sei o que é a realidade,
nem sei de mim nem de nada.
Cadê o meu poeta,
o mais generoso do Rio de Janeiro?
Cadê o nosso almoço no Baixo Copa?
Cadê o primoroso ourives da palavra?
Você disse que não viajaria...
Será que isso é a arte de não se despedir?
Não sei de coisa alguma;
não sei nem quero saber.
O dia, como um camaleão lúgubre e cínico,
faz de conta que nada aconteceu.
Há barcos no horizonte.
Aves sobrevoam o litoral.
O dia, hipocritamente azul,
faz de conta que é o mesmo,
embora as sombras da tarde já declinem.
No meu coração, a noite é de abismo.

(Rio de Janeiro, maio de 2021)

EPITÁFIO PARA NATALÍCIO BARROSO

Quisera escrever-te um poema
como um sorriso, num dia de Sol.
Mas a palavra se encharcou de melancolia
no tinteiro das lágrimas.
Tua ausência é um cristal partido.
Foste feliz no Rio de Janeiro,
onde Gerardo Mello Mourão te abraçou,
Ivan Junqueira te beijou na testa,
e bebeste todo o chope de Copacabana.
Voltaste ao Ceará,
e o mundo pérfido te negou os galardões que mereceste.
Eu te ofereço, como desagravo, este epitáfio:

*Natalício Barroso viveu ébrio de sensações.
A cervejaria foi o seu jardim de alegria.
A noite ofereceu-lhe a música das estrelas.*

MEDITAÇÃO

Sobre a notícia do falecimento de Oswald Barroso, muito querido amigo

Os que se vão partem para que os recordemos.
Os que se foram estão mais aqui do que além.
Mais em nós estão do que neles próprios.
Acaso nós, ao permanecermos,
somos os *desvivos*, que algum dia nasceremos
das cinzas em que agora jazemos?
Menos mortos estão os mortos do que vivos cá estamos;
porque já não morrem eles, como nós, a cada instante.

ATUALIZAÇÃO DE AGENDA

Abro a agenda e constato
que alguns amigos mudaram de endereço.
Cairo Trindade já não mora na Ladeira dos Tabajaras.
Luiz Gondim já não mora na Rua Francisco Sá.
Marcus Vinicius Quiroga já não mora na Rua Almirante Gonçalves.
Não adianta procurá-los
no Café da Rua Souza Lima nem no Baixo Copa.
Andei do Leme a Ipanema.
Já ninguém sabe dos seus paradeiros.
Não adianta procurá-los com microscópio nem com telescópio.
Porque eles se libertaram da penúria insalubre de Copacabana.
Vivem agora na raiz do Tempo.
São pássaros diluídos em si mesmos.
Eram príncipes que diziam coisas insólitas.
Eram cavalheiros da fraternidade humana.

Seus nomes, no entanto, permanecem gravados
na agenda do apreço e do afeto.

A DESPEDIDA DE TAVINHO PAES

Na tarde melancólica,
os passarinhos dizem
que Tavinho Paes morreu.
Aquele provação no hospital,
onde ele se desesperou,
porque se sentiu um prisioneiro,
foi um martírio pra uma pessoa
com a sensibilidade dele.
Tavinho foi um príncipe,
no sentido espiritual da palavra.
Confesso que não estava preparado
pra essa partida.
Com o Tavinho, ficava bem
uma boa pedida,
nunca uma despedida.
Os poetas são luzes.
O mundo escurece
quando eles se ausentam.
Anoitece no Rio de Janeiro.
Lá, do outro lado da noite,
um clarão misterioso revela
a expectativa de um renascer.

PREFÁCIO: *REVÉRBEROS*, DE MÁRCIO CATUNDA (LIGEIRAS IMPRESSÕES)

Literatura, pra quê? O poeta se pergunta a certa altura de seu livro para, em seguida, informar que *serve para educar o homem... humanizá-lo e espiritualizá-lo...*, e eu — *minha imaginação é uma ponte transitada por muitos veículos* —, no embalo de *A Fonte de Hipocrene*, concordo e contemplo o horizonte e sinto o vento que brinca na *alameda* da suave poesia de Márcio Catunda, tecendo paisagens e cidades, reminiscências e reflexões, 12 haicais delicadíssimos — *Não sei aonde ir. Todos os lugares são distantes de mim* — e versos diversos a amigos diversos.

Elegíaco em certa medida, mas refinado pelo que encerra em humanismo expresso pela evocação de figuras míticas da cultura greco-latina, *Revérberos* é um veio lírico vibrante, capaz de transitar por diferentes formas, a depender do objeto circunstancial — o cântico em celebração a amigos, a uma situação, a um momento ou a uma cidade, mas sempre com estilo suave e prosódia comovente.

De fato, cativante na impressão pictórica subjacente a cada verso, ao *buscar os verdadeiros nomes das coisas na rarefeita claridade das manhãs, esta coletânea de poemas não é só o tempo que acontece em mim. Sou também esse vento, que ontem foi gelado e melancólico, e hoje é pura, luminosa, íntima fruição*. E assim, como o próprio

título enfatiza, *minha alma é um rio, no cinema do meu pensamento*, concentra luz e expande a essência contemplativa do olhar do poeta — *essa mania de caminhar, fitando o horizonte, é uma sede de saber que me resseca a garganta, é um sortilégio, um enigma, sinuosidade de ruas misteriosas*.

Não obstante, *Revérberos* condensa, ainda, reflexos luminosos de um fazer poético ora plástico, ora musical, o qual estabelece uma estética filosófica que integra o ser e a eternidade — *Além daqui, o Além. Além do Além, o não lugar* —; a condição humana — *Não sei o que é a vida, mas sei que a vida é. E isso me basta para celebrar o dia* —; o tempo que passa — *A vida, depois dos 68, é uma ameaça permanente* —; a natureza — *Celebro o oxigênio que alegra as plantas e o horizonte, que circunscreve a Terra, chão imprescindível* — e a espiritualidade — *remédio pra saúde da alma, Tu és o Eu que me faz pensar que sou minha criação* —, a par do afeto aos amigos queridos, a quem louva e exalta — *Rosani não aceita a condição dos párias, que vê nas ruas e praças da megalópole: crianças famintas, sem abrigo, sem escola, sem luz* —, e às cidades que venera — *a carcaça depenada do Salève, no fundo da rue des Alpes, atribuindo à cidade um ar decadente*.

Em suma, absorvente, a poesia de Márcio Catunda, este artista da palavra e humanista, nos avassala, e seus versos nos cativam e nos deixam em estado de contemplação, aquele instante em que se ouve a quietude, o tempo para e a realidade — estática por instantes na matéria — avulta noutra dimensão, dissipa-se impalpável, e o silêncio chega aonde a palavra não vai.

Ernâni Fraga, escritor.

Orelhas:

Há poetas que refletem o mundo tal como o vemos; outros, porém, o reinventam, devolvendo-lhe o mistério que a rotina nos rouba. Márcio Catunda pertence a esta segunda linhagem. Em *Revérberos*, sua poesia é convite para a travessia — entre silêncio e palavra, contemplação e canto, pensamento e respiração.

Com a maturidade de quem já percorreu várias geografias e diversas culturas, Catunda transforma em versos sua experiência de cidadão do mundo sem perder o vínculo essencial com a memória afetiva da terra natal. Assim, Genebra, Paris, Madrid, Rio ou Fortaleza tornam-se, em seus poemas, símbolos de uma mesma busca: a comunhão entre o homem, a natureza e o sagrado.

Poeta, contista, ensaísta, compositor, diplomata, autor premiado pela União Brasileira de Escritores e detentor de muitas outras premiações, com mais de cinquenta livros publicados e com diversos poemas musicados, Márcio Catunda tem sua obra traduzida para diversas línguas e reconhecida internacionalmente. Em cada país por onde passou e por onde passa, vai deixando relevantes marcas da sua atividade cultural.

Em *Revérberos*, o autor mostra a sua generosidade com a palavra e com quem a compartilha, abrindo muitas páginas para abrigar Rosani Abou Adal, Celso de Alencar, Soares Feitosa, Jorge Ventura, Costa Sena, Abdon Melo, Marcus Vinicius Quiroga e outros nomes da nossa literatura.

Com este livro, o poeta cearense reafirma um traço constante em sua trajetória: o equilíbrio entre a erudição e a simplicidade, sem se descuidar do seu peculiar lirismo na contemplação de cada momento. Em *Revérberos*, o silêncio é tão importante quanto a palavra, porque é nele que a poesia encontra sua fonte mais pura.

Reunindo poemas que dialogam com tradições filosóficas e espirituais, mas que nascem, sobretudo, da observação do cotidiano, Catunda constrói uma poética de comunhão entre o ser e o tempo, o homem e a natureza, a palavra e o mistério. A poesia de *Revérberos* vem pra complementar o que o autor não precisa mais provar: a coerência com um projeto poético que constantemente se renova e se amplia, sem jamais perder o vínculo com a música interior da linguagem e com o assombro diante do mistério da existência.

O leitor percebe que cada poema é um reflexo, uma centelha que ressoa além do que está diante dos seus olhos. A poesia de Márcio Catunda é, como ele próprio afirma, “a invenção da verdade” — e esta verdade nos devolve o esplendor da vida, o prazer da respiração e a promessa de permanência.

Remisson Aniceto, escritor.